

# A Igreja com os pés no chão



Padre Marcos Passerine e Eliseu Sousa construindo uma comunicação participativa na produtora de vídeos alternativos Nosso Chão.

**A**té pouco tempo lugar de mulher era na cozinha, rodeada por fogão, pia, vasoura & Cia. Da mesma forma, lugar de padre era na igreja, cercado de santos, hóstias e beatas rabugentas. O vigário Marcos Passerine, 51 anos, italiano e há quase 20 anos no Brasil, nunca seguiu esse modelo conservador. Um seguidor da doutrina de Combono, fundador da ordem que percorre o mundo em missão pelos mais pobres.

Assim ele acabou chegando por essas terras. No solo árduo do Maranhão foi onde primeiro fincou pé. Fincar pé, aliás, é uma figura de imagem que lembra bastante a personalidade em questão. Em São Luís, fez programas de rádio, Tv e fundou o jornal "Tempos Novos", que se tornou veículo de informação de todas as paróquias progressistas daquele Estado. A paixão pela Comunicação Social vem de longe, e a lembrança não alcança datas ou motivos.

Passerine, que detesta ser chamado de padre, veio para o Ceará em 87. Por aqui, ajudou na produção da "Casa de Todos", programa da Arquidiocese transmitido pela rádio Assunção. Andou metido com a "Santa Missa em seu Lar", da TVE, e acabou trocando a "comunicação oficial" da Igreja pelo trabalho junto às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base). Na época, nasceu o jornal "Nosso Chão", produzido por uma equipe de cinco pessoas, coordenadas por Passerine. Dentre elas, o amigo Eliseu Sousa.

O jornal durou cerca de 2 anos e, hoje, "Nosso Chão" é uma produtora de vídeos alternativos, que apesar das óbvias relações com a Igreja vive com recursos próprios. No último Festival de Vídeo Mostra Fortaleza, a produtora participou com 3 filmes:

"Boi de Piranha", sobre a pena de morte; "Daqui não saio não", que trata das ocupações de terra; e "Formiga de Aluguel", sobre a realidade dos trabalhadores urbanos. Nenhum dos vídeos foi premiado, deixando Passerine irritadíssimo. "A Comissão Julgadora premiou a estética pela estética. Filme para universitário ver", sentenciou indignado.

Mas, essa não é a única vez que demonstra indignação com a intelectualidade. Sua metralhadora de críticas é disparada com ironia à esquerda e à direita. No fundo, um grande desânimo diante da miséria do povo. A palavra "povo" vem carregada da concretude de quem sabe do que está falando. Ao contrário do que se observa na retórica dos grandes discursos, propalados de um lado e de outro.

Na área pastoral do Bom Jardim, onde mora, anima um grupo com mais de cinco comunidades. Sua casa mais parece um centro de encontros: livros expostos em prateleiras, murais pintados por artistas do bairro, flanelógrafos cheios de mensagens. Seu jeito de ser Igreja é decididamente diferente. Mas, ele parece pouco preocupado com o Vaticano, chegando mesmo a dar graças pela baixa popularidade do Papa.

Essa figura pouco ortodoxa, que vez por outra é flagrada com uma câmera VHS, empenhada em registrar a realidade dos que vivem na periferia da História, deixou a Europa pelo Terceiro Mundo e não pensa em voltar. Parece que o "Homem sem raízes", como disse certa vez, criou vínculos com o lado de cá do Globo. E o saudosismo cearense talvez não compreenda que o italiano tem sangue de anarquista nas veias.

Entrevista com o padre Marcos Passerine e o produtor de vídeo alternativo Eliseu Sousa, dia 17.06.92. Produção, edição e texto: Andréa Pinheiro, Lycia Ribeiro e Luciene Uchôa. Participação: Fernanda da Escóssia, Angélica Ramos, Giovana Teles, Andréa Pinheiro, Lycia Ribeiro, Luciene Uchôa, Henrique Silvestre, Carmen Brasil, Roberto Hipólito, Edgard Patrícia, Christiane Viana e Isabela Martin. Foto: Jarbas Oliveira.



**Laboratório de Jornalismo** — Como foi que vocês passaram a trabalhar com a questão da comunicação?

**Eliseu Sousa** - O nosso trabalho começou com o envolvimento nas atividades das Comunidades Eclesiais de Base, e a gente sentiu a necessidade de fortalecer o universo da comunicação. Primeiramente havia uma carência muito grande nas CEB's em se praticar uma comunicação mais intensiva no sentido de documentar o que se fazia, de trocar as experiências que se tinha, e de colocar isso numa forma de registro, fazer com que a própria história das CEB's não se perdesse, não se diluisse tão facilmente. Eu acho que a partir desse ponto a gente iniciou um acompanhamento nessa área. A gente caiu em campo com experiência nas comunidades fazendo oficinas de comunicação e elas foram o espaço imaginado para suprir as dificuldades que das pessoas tinham em realizar a sua comunicação, haja vista que a maioria as pessoas das CEB's era e são pessoas simples, de uma dificuldades muito grande de leitura, muitos semi-analfabetos, muitos sem o contato direto com a coisa de ler, de participar.

**“O que faz a sintonia da equipe é o engajamento, o compromisso com a causa. A causa é a luta do povo”**

**LJ** — Eliseu, a comunicação era como uma estratégia para ajudar na mobilização, na articulação dos trabalhos das CEB's, ou foi uma necessidade?

**ES** — As duas coisas. Acho que são os dois elementos básicos, ou seja, a necessidade de fazer comunicação e criar uma estratégia. Acho que passou por aí a idéia de fazer comunicação. Mas acho que ainda há uma resistência muito grande nas comunidades.

**LJ** — A que pode ser atribuída essa resistência?

**Pe. Marco Passerine** — Depende muito do nível de articulação dos movimentos das comunidades. A comunicação ajuda a população, mas também onde não tem articulação, a comunicação não funciona. Então, chega a um ponto, e acho que estamos nesse impasse agora, em que movimentos populares, coloco aí também sindicatos e comunidades de base, estão nu-

ma fase um pouco desarticulada. Nessa situação é difícil fazer comunicação.

**LJ** — Marcos, você participou de uma experiência no Maranhão, onde contribuiu para a criação do jornal “Tempos Novos”, que resiste até hoje. Como foi esse trabalho?

**MP** — Começou em 1984. A gente percebeu que o fato de contar, de botar no jornal a história, a experiência das comunidades, a luta das comunidades, os acontecimentos, isso gerou muita força. Primeiro, a comunidade se sentia mais gratificada, mais reconhecida, ela existe porque o que eu fiz está aqui, o que nós fizemos está no jornal, e nós existimos. Enquanto não passa no jornal, nós não existimos. Então, a gente percebeu que a história contada, escrita para eles, estava no jornal, além de ser um marco histórico para o passado. Era o momento de dar lugar aquilo que não tinha valor. Isso me deu muita iluminação, e também o fato de tirar do isolamento as comunidades, embora carentes, semi-analfabetas, mas a história de uma é contada aqui, a história de outra também. São quatro, cinco, dez, vinte comunidades. Há troca de experiência, de informações e por aí vai. Sem contar um outro fato: o jornal impresso tem outro peso dentro da mídia. Nós somos jornal alternativo, popular, mas está impresso, tem um expediente, quer dizer, tem um responsável, tem um jornalista, e tem peso, e faz opinião, e mexe também com a situação.

**LJ** — E por que tanto sucesso com o “Tempos Novos” e o “Nosso Chão” já não circula mais?

**MP** — O jornal começou quase como uma vontade pessoal de fazer comunicação, de ajudar na comunicação. Depois era outra época, era um tempo em que a articulação estava no auge. Então, “Tempos Novos” nasceu na hora certa. “Nosso Chão” nasceu já quando esse momento de euforia comunitária passava, já estava declinando. Nasceram em épocas diferentes...

**ES** — Eu faria uma complementação sobre o contexto social em que se vivia. O governo, por exemplo, começava a absorver a linguagem que era das Comunidades Eclesiais de Base, a linguagem do companheiro, da comunidade, da organização comunitária, do termo popular. Por exemplo, o governo Tasso foi basicamente contemporâneo do jornal “Nosso Chão”. Ele investiu massivamente nesta linguagem, na nossa linguagem. Quer dizer, nós fomos sacaneados porque toda a conjuntura nacional fazia uso da linguagem das comunidades.

**MP** — Criou as comunidades estaduais de base... E tem também outros dois elementos: a diferença entre o campo e a cidade, o tipo de atuação em comunicação no campo — não conheço muito o Ceará, mas conheço o Maranhão muito bem. Na cidade é diferente porque o pobre do campo é um pobre mais articulado, esse encontro no campo, também no Ceará é semelhante. Nas comunidades mais articuladas se tem uma luta pela terra; no campo isso cria articulação, cria comunidade, cria comunicação e exige comunicação. E depois também as mídias são mais pobres no campo, onde não tem jornal, não tem televisão, funciona mais o rádio, por exemplo. Já nas cidades e nas periferias tem uma inflação de informações e também a resistência do povo é muito menor. Então, temos menos garra na periferia do que no campo. O povo está mais desorientado na periferia do que no campo. Outra coisa, quando a gente fez “Tempos Novos” e

**“No atual contexto o importante é comer, não é ler, não é ter cultura. Até a organização passa a segundo plano”**

quando começamos com “Nosso Chão” nós nunca pretendemos criar um jornal que tivesse futuro: dura enquanto é aceito, enquanto é necessário, enquanto é solicitado. Ninguém quer impor um jornal, se se percebe que o jornal estava acima da vontade, do interesse das comunidades, deixa morrer, pode ser que de repente nasça de novo, saia um número novo daqui a pouco, depois mais outro número de novo...

**LJ** — Agora, o que a gente observa também nos meios alternativos que se destinam às comunidades em si, Marcos, é que muitas vezes esses veículos atingem restritamente às lideranças mais engajadas. Aconteceu isso no “Nosso Chão”, ou o jornal atingiu as bases?

**MP** — Não, não. As bases eu acho que nenhuma. Conheço pouca comunicação popular alternativa, além das propagandas e dos mitos, que atingem realmente as massas. Acho que a massa é sempre alheia a esse processo, aliás, o alternativo não se dirige às mas-

**Pe. Marcos se contorceu quando viu tantos gravadores. Ainda tímido, tentou logo passar a bola para o companheiro Eliseu Sousa.**

**A pergunta sobre Igreja pintou na metade da entrevista. O tema incomodou padre Marcos, que pela reação já esperava o assunto.**

**A reação do Pe. Marcos foi de pura ironia, quando numa pergunta, compararam o trabalho das CEBs com o das Igrejas eletrônicas.**



A linguagem pouco ortodoxa e a rapidez com que fala, nem de longe lembram um vigário. Pe. Marcos rompe os padrões estabelecidos.

Pe. Marcos lançou um desafio aos futuros jornalistas: como criar consciência crítica com os meios de comunicação que estão aí?

Pe. Marcos faz o tipo dono da verdade, é absoluto. Nesse ponto é bem parecido com a Igreja tradicional, não admite discordâncias.

sas, alternativo se dirige a um grupo.

**ES** — Eu diria que aí o alternativo funciona como elemento gerador de consciência crítica. Esse elemento gerador da consciência crítica é um dos saldos bons desse trabalho. Agora jamais ele atinge a base que a gente queria atingir.

**MP** — Você veja também, não sei como está atualmente a estatística. Quem lê o jornal em Fortaleza? Ou no Brasil? Quantos lêem jornal? A imprensa está nas mãos de quantas pessoas? Existe também a dificuldade de montar um veículo que é dirigido à classe pobre, semi-analfabeta e ainda mais nesse contexto de agora, onde o importante é comer; não é ler, não é cultura. Até a própria organização passa a segundo plano logo. Sorte dos que podem comer e sobreviver numa sociedade desarticulada.

**LJ** — Dentro dessa questão, dessa visão, como é que você vê essa questão de apropriação de algumas igrejas eletrônicas, algumas seitas eletrônicas, que estão fazendo uso dos meios de comunicação? A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo?

**MP** — Comparar agora a mídia, essas igrejas chamadas de eletrônicas com uma comunicação alternativa? Nós estamos em outro canto. Eu não faço comparação entre a comunicação da Igreja Universal e o "Nosso Chão".

**LJ** — Mas, quem é mais eficiente?  
**MP** — Depende do que seja eficiência. Eu acho que eficiente é, eu estou totalmente de acordo. Eficiente é a televisão porque uma novela é mais eficiente do que um jornal alternativo. Sem dúvida isso é que faz cabeça. Então a própria Igreja se quisesse competir teria que assumir com a mesma garra.

**“Nesse contexto político e econômico, neste monopólio de mídias, é possível fazer comunicação para criar consciência crítica?”**

**LJ** — A Igreja não quer?

**MP** — Eu acho bom que não faça isso, porque pergunto: nesse contexto político e econômico, neste monopólio das mídias é possível fazer comunicação para criar consciência crítica usando esses canais que são uma negação da

consciência crítica? Quando digo consciência crítica eu tenho uma visão de mundo, de sociedade, de política, de realidade e da Igreja. Não tem espaço na grande mídia não, não vejo espaço. No dia em que a Igreja Universal quiser fazer um discurso sério, a nível político e econômico, ela dança. Dança economicamente, começa a perder o patrocínio. Eu não vejo possibilidade de se combinar o alternativo, consciência crítica, educação política com isso que tá aí. Agora para vocês é um desafio, vocês vão entrar nesse mundo aí...

**LJ** — Os carismáticos quando têm a idéia de montar uma emissora de televisão, eles não estão interessados em conscientizar o público?

**MP** — Também tacham que querem conscientizar, mas isso não conscientiza. O mundo é que deve conscientizar. O Bush quer conscientizar, a Eco 92 quer conscientizar... Agora a palavra é conscientizar. Vamos ver aonde é que ela cai, qual é, que tipo de consciência. Não é isso que faz o popular. Popular é todo esse contexto

**“A Renovação Carismática na minha visão está do lado errado. É uma Igreja da Idade Média, apesar de usar a televisão”**

de visão de realidade, isto é, todo processo de transformação da realidade. A mídia não quer mudar a sociedade, não quer. A imprensa não quer mudar a sociedade, e o que interessa é fazer mais negócios, melhores negócios. Na Igreja Universal, outras igrejas católicas ou não, tendências etc., não querem mudar a sociedade, querem que ela fique como está e têm, portanto, uma camada de religião, de evangelho etc...

**LJ** — Então, que facção da Igreja está do lado errado? A Renovação Carismática?

**MP** — Na minha visão eles estão do lado errado. Eles dizem que é preciso rezar, é preciso rezar, a ação vem depois, a ação vem depois. Fazem o que fazia a Igreja até anteontem. É uma Igreja da Idade Média, apesar de usar televisão. Agora, eu não sou contra a oração, o Espírito Santo. Isso não.

**LJ** — O senhor acha que esses meios são onipotentes, que a gente não pode tentar lidar com eles?

**MP** — Não, não quero chegar a esse tipo de garantismo, não. Não sou derrotista, é um desafio...

**LJ** — Agora a Igreja não pode montar um projeto desses com a sua visão popular?

**MP** — Qual Igreja? Qual Igreja católica?

**“Devemos tentar ao menos criar espaço a essa massa lascada para ver se a gente consegue ser o dono da história”**

**ES** — Dentro da Igreja Católica existem três segmentações muito clássicas e muito claras. Existe uma Igreja que você pode relacionar rapidamente como movimento carismático, que é um tipo de comportamento religioso. Essa Igreja se coaduna com o poder enquanto está instituída, e com a própria mídia nacional. Ela trabalha muito bem, que dizer, não precisa ser tão rico, basta que ela fale a mesma linguagem dos meios de comunicação de massa. A outra é a da Teologia da Libertação, que está muito relacionada com o termo CEBs, está muito relacionada com as colocações de Leonardo Boff a nível nacional. Então a nossa Igreja, que fique bem claro para vocês, é uma Igreja da Teologia da Libertação.

**LJ** — O que é fazer comunicação alternativa? Comunicação alternativa está relacionada a que? Com o veículo ou com o conteúdo? Enfim, o que você entende por comunicação alternativa?

**MP** — Vamos destruir logo essa competição, essa briga é uma briga de desiguais e é muita ingenuidade em se pensar nessa vitória aí. Primeiro vamos pensar uma coisa: quem é o sujeito da comunicação alternativa? Não é nem o dono da empresa, não é o meio, não é o veículo, não é o jornalista e não o profissional. O sujeito que faz e ao qual se destina a comunicação é a comunidade, o povo e, nesse caso, o tipo de gente, tipo de cor, um tipo de cor. Para mim o povo que está mais lascado aqui nesse Brasil, nesse mundo. É o terceiro mundo, e dentro do Brasil o terceiro mundo é na periferia, então esse é que é sujeito da comunicação alternativa. Tentar ao menos criar espaço a essa massa lascada para ver se a gente consegue ser dono da história. E sem essa idéia clara estamos tapeando a realidade



de, sem ter claro que o sujeito dessa ação alternativa é esse povo aí.

**LJ** — No vídeo, como é fazer essa linguagem popular alternativa?

**ES** — A gente faz um vídeo bastante diferenciado, não por querer ser melhor, mas por essa diferenciação do processo que a gente desenvolve de comunicação. Por exemplo, o formato do vídeo alternativo que a gente desenvolve tem tempo determinado, tem falas, tem maneiras de se expressar mais ou menos planejadas. Ele tem as imagens próprias para desenvolver a coisa, quer dizer, ele tem uma linguagem. Ela sugere tempo curto, verbos chaves, palavras conhecidas das pessoas que estão ouvindo, valorização nas imagens das pessoas mais pobres.

**LJ** — Certo dia desses, você colocou Marcos, que a preocupação de vocês é com o conteúdo. Como é que vocês potencializam esse conteúdo dentro da linguagem? Por que, se não houver uma potencialização do conteúdo você pode não atingir o objetivo a que isso se propõe?

**MP** — Quando falo em estética me refiro um pouquinho à preocupação da mídia. Você pega uma novela, pega um comercial, aí eu acho que estamos buscando estética para a estética. Então é a mulher mais bonita, o cenário mais bonito, o mais luminoso entendeu?

**LJ** — Então é essa estética que vocês condenam?

**MP** — É a maquiagem. Não significa fazer um vídeo em cima da sujeira, em cima só do lixo, da rampa do lixo, entrevistando qualquer pessoa de qualquer jeito, suja ou limpa. Não é esse sentido.

**LJ** — A equipe é formada por quantas pessoas?

**ES** — Somos eu, o Marcos, o Ivo, o Elder e o Valdenor. O Valdenor é um técnico, o Elder é um músico, o Ivo é antropólogo, o Marcos e eu que sou o maluco.

**LJ** — São cinco pessoas que embora pensem diferente trabalham num mesmo projeto. Como é a convivência?

**MP** — O que faz a sintonia da equipe, e é indispensável em qualquer comunicação alternativa, é o engajamento, o compromisso com uma causa. A causa não é o vídeo, não é o jornal, a causa é a luta do povo, é a comunidade. Nós estamos lá mergulhados no dia-a-dia da realidade das comunidades. Se eu estou filmando uma ocupação, eu estou lá antes de filmar e estou lá depois, volto depois de dois anos, porque estou lá, eu estou com eles. Aí isso cria laços que ajudam até certo ponto a superar as divergências, diferenças de visão.

**LJ** — A gente sabe que o momento é de desorganização, de desmo-

bilização mesmo. A que você atribuiu isso, Marcos?

**MP** — Eu vejo várias causas. Uma delas é a situação pesada, agora, do nível econômico. Quem está desempregado, quem está sem comida em casa, quem tem filho para sustentar, não está mais preocupado em se organizar... e depois coloca toda a falta de vergonha por parte da classe política, a falta assim de estratégia para os movimentos populares. A teimosia às vezes, de impor certas bandeiras, cria muito desamparo.

**“Estamos chegando agora num quase apagar das luzes de uma época de esquerda, de militância político-partidária”**

**LJ** — Qual seria a estratégia para as esquerdas mudarem essa forma de ver as coisas e conseguirem de fato chegar ao povo?

**MP** — Eu acho que não cabe só à esquerda. Terá que emergir uma nova visão de política partidária. Eu acho que estamos chegando agora num quase apagar das luzes de uma época de esquerda, de um tipo de esquerda, de militância político-partidária, tanto na direita quanto na esquerda. A direita entendeu isso. A direita já entendeu isso há muito tempo. Então, ela faz um jogo, veste a camisa, tira a camisa, bota a camisa, mas isso o que é? Isso é realmente o sintoma de uma insatisfação, de uma insegurança. Estão perdidos. A esquerda ainda não reconheceu que está perdida. Eu vejo que o futuro vai pela reformulação da política partidária e vai também pelo reforço de outras instâncias, movimentos populares, quer dizer, um partido é um elemento, o sindicato é mais um elemento. Enquanto houver mais necessidade de instâncias organizadas que lutam pela mesma causa, nós vamos ter uma saída. Se pensou que era o partido que ia resolver isso, mas em nenhum País do mundo nunca aconteceu...

**LJ** — E a esquerda? Você já disse que ela é burra.

**MP** — Quem foi que disse (risos)? Não, toda a esquerda não. Mas muita gente de esquerda é burra sim.

**LJ** — A esquerda está preparada para chegar ao poder?

**MP** — Que esquerda? Eles não estão conseguindo juntar dois can-

didatos para formar uma chapa nessas eleições... Agora eu não quero desmerecer totalmente o trabalho das esquerdas, mas atualmente acho muito difícil a situação da esquerda.

**LJ** — Como é que foi a sua participação durante a eleição do Lula?

**MP** — Filmanos adoidados, fizemos campanha para o Lula, filmando e passando nas comunidades, o que foi possível foi feito...

**LJ** — Vocês fizeram campanha aberta mesmo?

**MP** — O que faz a sintonia da equipe, e é indispensável em qualquer comunicação alternativa, é o engajamento, o compromisso com uma causa. A causa não é o vídeo, não é o jornal, a causa é a luta do povo, é a comunidade. Nós estamos lá mergulhados no dia-a-dia da realidade das comunidades. Se eu estou filmando uma ocupação, eu estou lá antes de filmar e estou lá depois, volto depois de dois anos, porque estou lá, eu estou com eles. Aí isso cria laços que ajudam até certo ponto a superar as divergências, diferenças de visão.

**LJ** — A gente sabe que o momento é de desorganização, de desmobilização mesmo. A que você atribuiu isso, Marcos?

**“Muita gente da esquerda é burra sim. Eles não estão conseguindo juntar dois candidatos para formar uma chapa nestas eleições”**

**MP** — Eu vejo várias causas. Uma delas é a situação pesada, agora, do nível econômico. Quem está desempregado, quem está sem comida em casa, quem tem filho para sustentar, não está mais preocupado em se organizar... e depois coloca toda a falta de vergonha por parte da classe política, a falta assim de estratégia para os movimentos populares. A teimosia às vezes, de impor certas bandeiras, cria muito desamparo.

**LJ** — Qual seria a estratégia para as esquerdas mudarem essa forma de ver as coisas e conseguirem de fato chegar ao povo?

**MP** — Na Av. João Pessoa até houve um detalhe: estava filmando uma carreta aí chegou um grupo de Malufes, sabia que eu era padre e estava filmando a campanha do Lula. Deu uma bri-

• Mesmo não sendo derrotado, Padre Marcos está desiludido com a política atual e não pretende vestir camisas nessas eleições.

• Categórico em muitos momentos, cuidadoso em outros. Pe. Marcos exibiu muita cautela na discussão sobre o futuro do socialismo.

• Pe. Marcos estava incomodado com tantas perguntas sobre sua vida pessoal. Parecia pouco à vontade para falar de si mesmo.



Ao se referir à organização popular, Pe. Marcos mostrou um profundo desânimo com o momento de crise por que passa o movimento.

Padre Marcos falou pouco sobre sua família, sempre evasivo, demonstrou ser um homem completamente desligado de suas raízes.

Eliseu participou ativamente das discussões, mas quando a conversa enveredou pelos assuntos da religião, calado, só observava

ga, levei porrada aqui nas canelas — Chute o padre, está votando num candidato que é a favor do aborto. Ai eu disse um palavrão... LJ — Mas de fato, o senhor estava votando num candidato, estava fazendo campanha para um candidato que era a favor do aborto?

“Eu fiz campanha mas não queria que o Lula ganhasse. Faltava experiência para a esquerda. No fundo rezava para que ele não ganhasse”

MP — São deslizes da vida. Se for por ai ninguém se salva, acho que nem um padre. Misturar o moralismo agora com a politica, o Colôr conseguiu fazer muito bem... Típico da politica norte-americana.

LJ — Muitas pessoas ficaram apavoradas com a possibilidade de o Lula chegar ao poder. Como você se posicionou?

MP — Eu fiz campanha mas não queria que ele ganhasse. Faltava experiência para a esquerda. A própria situação econômica era muito difícil. Eu sempre vesti a camisa, mas no fundo rezando para que ele não levasse.

LJ — Como o senhor pretende trabalhar na sua paróquia neste ano eleitoral?

MP — Confesso que pela primeira vez, em 20 anos, me acho perdido nessa questão. Não estou com vontade de vestir camisas. Eu já vesti camisas em outras campanhas. Contribui para eleger candidatos, principalmente, no Maranhão. Deputados federais, estaduais, vereadores, ajudamos muita gente.

LJ — O senhor se define de esquerda?

MP — Não, nem de direita, não gosto dessa palavra. Não gosto mais.

LJ — Você já foi comunista?

MP — Não tive chance. Quando sai da Itália, a minha familia era

muito dividida. Uma parte, de extrema direita. Outra, socialista. Naquela época, quem era comunista era excomungado da Igreja. Quando comecei a entender um pouco das coisas, a doutrina comunista já estava em baixa.

LJ — O Papa veio ao Brasil e não foi um sucesso...

MP — Graças a Deus.

LJ — O Papa deixou de ser pop? Por que graças a Deus?

MP Acho que no Brasil o que vale é a novidade, e o Papa não é mais novidade. Quem já viu, viu. A questão econômica também influi na falta de sucesso dessa viagem. Pouca gente teve oportunidade de se deslocar. Está na hora de acabar esse tipo de presença autoritária ou triunfalística da Igreja. Nós já fizemos isso antes e deu em quê? Qual é o saldo? Em 80, só quem tirou proveito foi o Governo militar. Precisamos acaba com isso.

LJ — Como é que você vê a Igreja nesses quinhentos anos de descobrimento da América?

“Hoje, 500 anos depois, está na cara que a Igreja errou. Mas também tem muito cristão que faz questão de estar do lado errado”

MP — Está na cara que a Igreja errou. Agora queria só que quando a gente falasse em Igreja, aos poucos entrasse em outra visão. Não é só o Papa e Cardeal, Bispo que estão do lado errado. Tem muito cristão que faz questão de estar do lado errado. Eu quando estou lá na Igreja, que abro a boca com certas coisas e sou sancionado, não é o Papa, nem o Cardeal que estão lá. São mulheres, são homens, são pobres, são ricos... quando Igreja vai todo esse contexto e nós evitamos, nós criamos. Nós catequizamos para ser assim. Agora, o que é difícil hoje, mesmo

que o Bispo queira mudar, o Bispo quer mudar, eu quero mudar, e depois vem vinte, trinta mil fiéis que me matam, que vão engolindo aos poucos, não dão chance para isso e os momentos mais reacionários são muito de leigos, não de padres. São os leigos os mais ferrenhos contra qualquer tipo de mudança dentro da própria Igreja.

“Sou favorável que padre possa casar. Agora a questão do celibato é mais complexa, não é apenas casar ou não casar”

LJ — É um desafio para o senhor ter s posições e às vezes ficar calado?

MP — É um desafio, é um desgaste, é um saco. Tudo isso, mas não tem por onde, não tem por onde...

LJ — O senhor é contra o celibato? O senhor namora?

MP — Com 51 anos fica difícil (risos). Se no meu tempo tivesse a opção do celibato eu não... acho que o padre deveria casar.

LJ — O senhor foi fiel ao voto de castidade, padre?

MP — Não totalmente... (gargalhadas)

LJ — O que é que significa isso, não totalmente?

MP — Isso não compromete a fidelidade ao sacerdócio, é um compromisso... Eu acho que hoje em dia eu seria. Sou favorável, que padre possa casar, ou talvez, se preferir, não casar. Agora a questão do celibato é mais complexa, não é apenas casar ou não casar.

LJ — Valeu a pena trocar a Itália pelo Bom Jardim?

MP — Eu não estou morando na miséria, na favela, na lama. Mesmo morando na periferia acho que tenho até mais do que devia ter. Na realidade, tem seus inconvenientes, mas existem outros aspectos que têm mais peso.